Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP (Geral)
Data 3/11/2002 Pg A18
Class. 152

AMBIENTE

Abandono ameaça Parque Estadual Intervales

Porção localizada no Vale do Ribeira não conta com vigilância permanente

ROBERTO KISHINAMI

Fotos Tiago Queiroz/AE

A palmeira juçara (à esq.); acima, as marcas da depredação; o tenente Pereira mostra artefato de caça ilegal apreendido no Vale do Ribeira: palmiteiros intensificaram atividade

ELDORADO – Fuga em desabalada carreira. É a imagem que vem logo à mente ao ver o estado das instalações de vigilância do Parque Estadual Intervales, depois que foram abandonadas pelos zeladores e depredadas pelos seus invasores, os palmiteiros.

E a imagem corresponde aos fatos. Antonia Pereira de Ávila Vio, diretora-executiva da Fundação Florestal que administra o parque pelo governo, explica que a fundação decidiu, em fevereiro de 2001, pela retirada dos zeladores dessas instalações hoje destruídas, depois que seguidos confrontos entre guarda-parques e invasores resultaram em duas mortes – de um guarda e de um palmiteiro –, criando tensão entre os funcionários e as comunidades vizinhas. "Os vigias corriam risco de vida", justifica Antonia.

Aparentemente, uma medida de bom senso.

No entanto, como os vigias não voltaram, mesmo depois que a tensão nas comunidades diminuiu, criou-se a imagem de abandono. Isso é visível nas marcas deixadas pelos palmiteiros: casas que serviam aos guardas derrubadas, paredes pichadas, trilhas e lixo – sacos de arroz, latas de sardinha.

Com escolta – O Parque Estadual Intervales é uma área de 41.704 hectares entre os Vales do Ribeira e do Paranapanema, ao sul do Estado de São Paulo. A sua porção mais alta, cujo acesso se dá pela Rodovia Raposo Tavares, "está consolidada e praticamente não tem problemas", segundo Antonia. Mas na parte mais baixa, cujo acesso se dá a partir da Rodovia Régis Bittencourt, "os problemas são sérios", segundo ela.

Não seria para menos. Ao lado da ausência de zeladores fixos, a vigilância de todo o parque é feita por nove guardas, restritos às proximidades da sede do parque em Ribeirão Grande, na parte alta. A diretora Antonia explica que "os guardas são autorizados a fiscalizar as áreas distantes da sede apenas em grupos de no mínimo dois e, mesmo assim, escoltados por dois ou três policiais militares".

Para ela, todo esse cuidado se justifica. "O palmiteiro não é mais o tradicional pobre, mas hoje está associado a traficantes." Como prova, a técnica usada pelos palmiteiros de alardear a chegada da polícia é com rojões que explodem no início das trilhas.

Essa avaliação da diretora tem conseqüências. Mesmo a presença de pesquisadores nas áreas distantes da sede do parque é condicionada, por ela, à presença simultânea de guarda-parques e policiais ambientais. Como tal coincidência é muito difícil, não há, hoje, pesquisadores no parque.

Soluções – Sem zeladores e com presença esporádica de guarda-parques e policiais ambientais, os palmiteiros intensificaram sua atividade no último ano. E chegaram às propriedades vizinhas. "Agora que acabaram com os palmitos do parque, invadem propriedades e não se intimidam mais com os vigias", testemunha um fazendeiro que não quer ser identificado. É o seu receio é justificado.

"Os palmiteiros são pessoas que vivem por aqui e não têm muito a perder. Não é bom tê-los como inimigos", explica Alexandre Benassi, administrador de fazenda na região e morador da cidade de Eldorado.

O tenente Pereira, comandante da companhia da Polícia Ambiental, que conta com 200 homens para cobrir todo o Vale do Ribeira, relata que "as denúncias de extração de palmito e desmatamentos são as ocorrências que mais ocupam o efetivo da companhia". São 5.849 toletes de palmito apreendidos só neste ano.

A aposentadoria reduziu o número de guarda-parques no Parque Estadual Intervales. Quando ele foi inaugurado, em 1995, eram 40. Todos treinados, motivados e remunerados pelo Banespa, à época banco estatal que mantinha a Fazenda Intervales, transformada em parque na gestão de Fábio Feldman. Hoje, daqueles 40 guardas restam 9. "Eles foram se aposentando e não tivemos como repô-los", explica Antonia. "Esperamos abrir concurso no começo de 2003", declara.

O comandante-geral da Polícia Ambiental de São Paulo, coronel Mele, sediado na Secretaria Estadual do Meio Ambiente, deixa claro que apesar da redução no número de guarda-parques "a Polícia Ambiental continua a realizar minioperações e patrulhamentos de rotina no parque".

Pobres ou bandidos? Para o tenente Pereira "são os mesmos pobres de sempre, que fazem essa extração desde muito antes da criação do parque e passaram à condição de criminosos com a lei dos crimes ambientais". Para ele, as mortes têm uma explicação simples: "Os transgressores ficaram mais violentos porque acham que, se forem pegos, serão presos e não vão sair mais da cadeia. É falta de esclarecimento." Um diagnóstico oposto ao da diretora Antonia, que o tenente não conhece.

Perto do local, uma empresa processa palmito

ELDORADO – A menos de 10 quilômetros do Parque Estadual Intervales, ainda no município de Eldorado, há uma fábrica de palmito envasado que emprega 20 pessoas no processamento e cujas etapas são bastante simples: descascamento, corte, envasamento, fervura, esfriamento, empacotamento.

Os proprietários da fábrica, moradores de São Paulo, garantem que "o palmito-juçara vem todo de Antonina, no Paraná". Afirmação pouco convincente. Afinal, por que uma fábrica localizada na vizinhança do parque, em uma estrada municipal, longe da rodovia que liga os Estados de São Paulo e Paraná, vai buscar palmito no Paraná quando tem grandes quantidades desse mesmo produto ali ao lado?

Mas as perguntas do repórter aos empresários ficaram no vazio. Melhor fez o fotógrafo Tiago Queiroz. Mostrou que, ao lado dos vidros de palmito em processamento, estavam as cascas de palmito marcados com os apelidos dos palmiteiros. Nessas cascas, as quantidades: um feixe, dois feixes, etc. E tudo junto para confirmar uma regra contada por quem conhece o negócio: o palmiteiro não recebe pelos feixes que entrega, mas pela quantidade de vidros de palmito que sua carga rende. (R.K.)

Fotos de Tiago Queiroz/**AE**

"Bói Bói 2F" (acima) indicaria apelido do palmiteiro e quantidade entregue para a fábrica (ao lado)

Secretário quer projeto em operação no próximo ano

JOSÉ MARIA TOMAZELA

SOROCABA – O secretário estadual do Meio Ambiente, José Goldemberg, quer apressar os estudos para o manejo sustentável da palmeira juçara, que produz o palmito, nos entornos dos parques estaduais para a produção comercial de suco. Das sementes da planta pode ser extraído um suco semelhante ao do açaí, uma palmeira amazônica, muito consumido no País. Goldemberg acredita que a coleta de sementes para a extração do suco, de alto valor comercial, poderá reduzir o corte das palmeiras para a retirada do palmito.

Embora proibida, a extração de palmito continua largamente praticada e está levando à extinção da juçara no Estado. As populações remanescentes encontram-se apenas nos parques estaduais ou em áreas de manejo sob forte vigilância.

Goldemberg reuniu-se na semana passada com o autor do projeto do suco, o veterinário e ambientalista Marcos Malta Migliano, que mantém um projeto de palmito no município de Sete Barras, no Vale do Ribeira. A proposta está sendo estudada há mais de um ano pelo Instituto Florestal, órgão da secretaria. O principal obstáculo é a falta de palmeiras produzindo sementes fora dos parques.

Migliano defende a coleta no interior das unidades, em áreas que fazem divisa com bairros rurais, como o do Rio Preto, em Sete Barras. "Os moradores, em sua maioria cortadores de palmito, passarão a trabalhar no projeto e defender o parque." Segundo Migliano, enquando um palmiteiro recebe no máximo R$ 2,00 pelo corte de uma palmeira, ele pode ganhar até R$ 20,00 com o suco da mesma árvore. A retirada parcial das sementes não afeta a planta, que pode voltar à terra após a extração do suco.

Goldemberg pediu ajuda ao ambientalista para implantar o projeto. O objetivo é iniciá-lo na próxima safra, entre março e abril. Os moradores do bairro Rio Preto já criaram uma associação para atuar no programa.